

Folclorização e Significado Cultural do Negro

Zeze de Araújo*

Os significados correntes de Cultura oscilam entre os de um lado, um sistema total de vida, e os de uma prática diferenciada, parcelar, mas sempre ao redor de uma unidade de coerência, um “**foco**” de manifestação da verdade, do sentido, da razão.

Para Althusser “por prática em geral nós entendemos todo o processo de transformação duma matéria-prima determinada em um produto determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando-se meios de produção determinados”. Althusser explicita aí, “prática em geral”, e ao mesmo tempo, abre espaço para a diferenciação das práticas, isto é, para a diversidade dos processos implicados e dos produtos resultantes de cada uma delas. Distinguem-se, assim, a prática técnica (por exemplo, a engenharia, a administração, a medicina, etc.), a prática econômica (relações de compra e venda etc.), a prática política (atividades relativas ao exercício do poder), a prática teórica (ciência, filosofia) e outras – dentro as quais a **prática cultural**, isto é, **um processo de produção expressividade simbólica e de distinção sociais pela sensibilidade individual**. As práticas atuantes numa determinada sociedade desfrutam de autonomia relativa no seu inter-relacionamento, ou seja, cada uma delas dispõe de um espaço estruturado ou sistematizado por regras próprias e com conteúdo claramente definidos.

Para as sociedades ocidentais, a cultura implica, portanto, numa prática diferenciada regida por um sistema que se entende como conceito das relações internas típicas da realidade da produção, pelos indivíduos, do sentido que organiza as suas condições de coexistência com a natureza, com os próprios membros do seu grupo e com outros grupos humanos.

Para os antropólogos, cultura já não é mais a tradição transmissível de comportamentos apreendidos, mas um complexo diferenciado de relações de sentido, explícitas e implícitas, concretizadas em modos de pensar, agir e sentir. A diferenciação do conjunto se evidencia em formações mais ou menos integradas, de acordo com a organização social em questão. Toda e qualquer cultura dispõe dos seus diferentes modos de elaboração e participação, assim como seus diversos canais de comunicação.

A palavra cultura relaciona-se com as práticas de organização simbólica, de produção social de sentido, de relacionamento com o real.

A cultura negra ou afro-brasileira, mesmo em plena vigência do escravismo – com seus desmoralizantes castigos corporais, suas sangrentas intervenções armadas, suas táticas de assimilação e cooptação ideológicas (concessões de pequenos privilégios, oportunidades de ascensão social para mestiços, etc.) – os negros desenvolviam **formas paralelas** de organização social. Exemplos: de ordem econômica – caixas de poupança para compra de alforria de escravos urbanos; de ordem “**política**” – conselhos deliberativos próprios para dirimir disputas internas de uma nação ou etnia, ou para a preparação de ações coletivas (fugas, revoltas) ou então confrarias de assistência mútua sob a capa de atividades religiosas (cristã); de ordem mítica – a elaboração de uma síntese representativa do vasto panteão de deuses e entidades cósmicas africanas (**os orixás**), assim como a preservação do culto dos ancestrais (**os eguns**) e a de parentesco; de ordem lingüística – a manutenção do ioruba como língua ritualística.

A forma mítica era essencial ao impulso da cultura afro-brasileira na preservação dos dispositivos culturais de origem. E como se tratava de uma cultura desterritorializada, constituíam-se associações (**ebé**) que, com o pretexto religioso (ora visto com maus olhos, ora reprimido, ora ridicularizado, mas sempre entendido como prática de natureza religiosa pela ideologia dominante) se instalaram em espaços territoriais urbanos, conhecidos como **roças ou terreiros**. O terreiro implica, ao mesmo tempo a: num **continuum** cultural, isto é, na persistência de uma forma de relacionamento com o real, mas **reposta** na História e, portanto, com elementos reformulados.

A diferença – Em que a cultura tradicional dos terreiros diferia (e difere) da moderna cultura ocidental? Em primeiro lugar, no princípio fundamental das trocas. Há, na ordem moderna, um excedente econômico – social que se acumula (do ponto de vista estritamente econômico, o excedente importa na diferença entre a produção do grupo e seus custos), deixando, entretanto de estar disponível para o grupo e se abstraindo irreversivelmente como valor (equivalente geral de troca). Trocam-se bens pela moeda, trocam-se signos pelo sentido – a moeda e o sentido são expressão de valor.

Na cultura negra, a troca não é dominada pela acumulação linear de um resto (o resto de uma diferença), porque é sempre **simbólica** e, portanto, **reversível**: a obrigação (de dar) e a reciprocidade (receber e restituir) são as regras básicas. É o grupo (concreto) e não o valor (abstrato) que detém as regras das trocas. E a troca simbólica não exclui nenhuma entidade: bicho, plantas, minerais, homens (vivos e mortos) participam ativamente, como parceiros legítimos da troca, nos ciclos vitais. A isto, a ideologia ocidental tem chamado de **animismo** porque, apegada ao seu princípio exclusivista de realidade, separa radicalmente a vida da morte e entende a troca simbólica com outros seres ou com os mortos como uma projeção fantasiosa da vida.

Para a ordem humana negra, entretanto, a vida e a morte, **aiê** e **orum**, não são termos que se opõem disjuntivamente, na base de uma exclusão radical. O ancestral (morto), pai ou mãe, está sempre presente no grupo como um aliado, parceiro essencial

da troca: ele é dado e recebido pelo vivo no ritual da iniciação, ela da terra (donde vem a alimentação), que é simbolicamente restituída através do sacrifício.

Os negros que vieram para o Brasil provinham de diferentes partes do continente africano, o que significa que eram portadores de diferentes culturas. As resultantes dos cruzamentos que ocorrem no plano biológico entre os diferentes troncos raciais do negro e deste com os brancos, e com outros grupos, observam-se também no plano de suas culturas. Hoje, traços culturais dessas três tradições históricas associam-se entre si e entre elementos culturais de outras procedências compondo espécie de dimensão ou marca específica do que se entende, se aceita e se consome como cultura nacional. A grosso modo, sem quaisquer preocupações com a precisão científica do conceito, as manifestações culturais mais evidentes desse contexto sincrético são vistas positiva ou depreciativamente como variantes negras da cultura nacional ou como cultura brasileira. Tais são, por exemplo, certo tipo de música popular, aspectos do folclore, as religiões afro-brasileiras (umbanda e candomblé), os salões de bailes (*rap*, *gafieira*), as escolas de samba e grupos de folia em áreas de grande concentração de negros.

Acompanha este processo de aculturação, duplo processo de afastamento entre a cultura e o grupo social. Ambos foram desenvolvidos historicamente, a partir do primeiro dia que o negro pisou as terras do cativo. O primeiro passo diz respeito à perda da identidade cultural dos grupos étnicos a favor de uma espécie de patrimônio cultural do negro *tout court*. No jogo da oposição branco-negro, as especificidades culturais ou étnicas perdem sentido na medida em que todas as manifestações de cultura não identificadas com o grupo branco passam a ser julgadas como de negros, sem distinção de eventuais nuances culturais. Para o branco comum – e para o negro também – há muito tempo não há mais cultura banto, cultura suldanesa ou negra maometana, para usar expressões de Arthur Ramos. Há, simplesmente, a cultura negra ou a cultura de negros, pois a variedade étnica e racial dos diferentes estoques africanos foi-se reduzindo, no Brasil, a uma única categoria – a dos negros: negros escravos, antes da república: negro cidadão, nos dias atuais. O segundo processo de afastamento entre cultura e grupo racial refere-se à perda de identidade cultural desse grupo negro genericamente conceituado a favor de uma cultura nacional associada a toda a população pluri-racial brasileira, independentemente das múltiplas origens étnicas de um país de imigrantes.

Outra face deste complexo aculturação – desvinculação – espraiamento cultural é a da folclorização da cultura negra. Tal processo consiste em transformar as manifestações culturais dos negros em algo irrelevante ou em recheios ideais para se montarem esquemas de entretenimento para vastas camadas da população, em especial para aquelas que, independentemente da cor, podem usufruir, de forma mais plena, certo tipo de lazer produzido pela sociedade brasileira. Como tal, esta cultura não é levada a sério; é, ao mesmo tempo, uma cultura da puerilidade e do pitoresco.

Pelo menos de duas maneiras, este processo afeta direta e concretamente o homem negro e seu estilo de vida.

Em primeiro lugar, ao se folclorizar a cultura, folcloriza-se com ela, o indivíduo e o grupo racial. Examinada deste ponto de vista, a folclorização é a parte de um mecanismo histórico de produção do homem-espetáculo ou espetaculoso, do ser exótico e leviano, e, como tal incorporado à dimensão não-séria – histriônica e mágica – da vida nacional. Opondo-se ao país operoso, racional, capitalista, esta cultura é expressão e suporte do que há de amalandrado, mágico, inconseqüente e preguiçoso da vida nacional.

A partir desse painel folclorizado, fonte de estereótipos negativos, é que se constrói a representação do que é negro no Brasil. Esta representação se coloca como foco referencial no relacionamento concreto e diário entre brancos e pretos e fornece os elementos com os quais os próprios negros “**fabricam**” a sua auto imagem e através da qual se julgam como gente e como grupo racial.

Em segundo lugar, o processo de folclorização afeta diretamente e concretamente o estilo de vida do negro na medida em que se faz acompanhar do processo de apropriação e espoliação de conquistas históricas do grupo, representadas por instituições que foram sendo penosamente “construídas” ao longo dos anos. Essas instituições podem ser consideradas como réplicas de instituições brancas. Contidos pelo preconceito e pela discriminação, os negros “fabricaram” como que um mundo institucional paralelo ao dos brancos, onde puderam como negros e como pobres, encontrar em contextos urbanos as condições mínimas para desenvolver sua sociabilidade e, livremente, exercitar suas práticas e cultivar os seus valores culturais.

Notas

* Zezito de Araújo é professor de História da UFAL.

Referências Bibliográficas

LUZ, Marco Aurélio. **Cultura Negra e Ideologia do Recalque**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

LOPES, Helena Theodoro e et al. **Negro e Cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

ALTHUSSER, Luis. **Sobre o Trabalho Teórico**. Lisboa: Editora Presença.

PEREIRA, João B. Borges. **Negro e Cultura Negra no Brasil Atual**. São Paulo: USP, 1983.

DUARTE, Abelardo. **Folclore Negro das Alagoas. Pesquisa e Interpretação**. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais, 1975.